

# Templos do progresso: instituições de leitura no Brasil oitocentista.

*Temples of progress: reading institutions  
in 19th century Brazil*

**Cláudio DeNipoti<sup>1</sup>**

## Abstract

This article seeks the links between the creation of reading institutions in 19<sup>th</sup> Century Brazil, and the dominating progress ideology, as guide of these creations. Libraries, newspapers and schools were created both as symbols and instruments of progress, as part of a civilizing process, guided by European standards.

**Abstract:** Key-words: Reading, progress, libraries

## Resumo

O artigo é uma primeira busca às vinculações entre a criação de instituições destinadas à leitura no Brasil, durante o século XIX e a ideologia do progresso, como norteadora dessas criações. Bibliotecas, órgãos de imprensa e escolas eram criadas como símbolo e instrumento de progresso, em um processo civilizacional orientado por modelos europeus.

**Resumo:** Palavras-chave: Leitura, progresso, bibliotecas

## Introdução

Durante todo o século XIX, o tema do progresso orientou ações e pensamentos de amplas parcelas da população ocidental. Embora as raízes dessa idéia sejam mais antigas, o XIX viu toda sua força e atuação. Neste texto, vamos tentar compreender essa força e essa atuação em um campo específico: o da instituição de locais de leitura como símbolos, frutos e ferramentas do progresso. Para este fim, serão analisados os estatutos, catálogos e regimentos de bibliotecas brasileiras do século XIX, quando de sua criação, e editoriais e artigos de primeiros números de jornais e revistas (particularmente paranaenses).<sup>2</sup>

No Brasil do período enfocado, as bibliotecas assumiram um caráter de responsabilidade civilizatória, comparáveis à aura onisciente da biblioteca

<sup>1</sup> Professor do curso de História da Universidade Tuiuti do Paraná - UTP, Doutor em História das idéias pela Universidade Federal do Paraná - UFPR

<sup>2</sup> Projeto de pesquisa " As normas da leitura; a organização de bibliotecas no Brasil - século XIX. Universidade Tuiuti do Paraná.

perdida de Alexandria. Comparáveis também à modernização do pensamento na qual a manutenção de bibliotecas tem um papel fundamental, como aquela ocorrida na Roma Imperial<sup>3</sup> ou a de Roma à época de Galileu e do pensamento humanista.<sup>4</sup> A idéia da biblioteca coexiste com o ideal de reunir-se todo o conhecimento em um único espaço, acessível e, principalmente, organizado, dando-se nesse processo, a própria organização da sociedade.<sup>5</sup>

No processo de organização das bibliotecas, agregam-se idéias que expressam formas de organização da própria sociedade, reais ou projetadas. A transcrição disso na forma jurídica de estatutos ou regulamentos permite um acesso a esses projetos de sociedade.<sup>6</sup> A proposta aqui é pensar a criação de bibliotecas, jornaes, escolas, etc., como "ritos de instituição", definidos por Bourdieu como a naturalização de matrizes civilizatórias arbitrarias.<sup>7</sup>

Por fim, a idéia de progresso é perseguida na constituição de uma identidade regional pautada pela produção editorial e pela agregação em torno de cânones literários.

## *Sendas do progresso*

[...] a imprensa, tomando a iniciativa do bem, discute as questões de mór interesse para a sociedade, orienta e dirige a opinião na *senda do progresso* e dos melhoramentos, e serve de phanal ao poder.<sup>8</sup>

"Senda do Progresso" como missão da imprensa é uma dentre muitas formas de compreender e representar esse conceito fundamental para o pensamento e a vida social do século XIX. Longe de ser uma expressão isolada por parte do jornalista paranaense, autor do texto da epígrafe, a concepção de progresso pode ser pensada como a articuladora do pensamento do século XIX em suas diversas vertentes.

Preconizada inicialmente por Saint-Simon, a idéia de uma sociedade em contínuo progresso, alternando épocas "orgânicas" e "críticas", foi amplamente aceita e adotada – com freqüência de forma

<sup>3</sup> CANFORA, Luciano. Lire a Athènes et a Rome. *Annales E.S.C.*, Jul./Aut., 1989, 44 aneé, n.4; \_\_\_\_\_. *A biblioteca desaparecida; histórias da biblioteca de Alexandria*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.

<sup>4</sup> REDONDI, Pietro. *Galileu herético*. São Paulo: Companhia das Letras, 1991.

<sup>5</sup> CHARTIER, Roger. *A ordem dos livros; autores, leitores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVIII*. Brasília: Editora UNB, 1998.

<sup>6</sup> Sobre esta questão ver o estudo de Eduardo Spiller Pena sobre o Instituto dos Advogados do Brasil – IAB. PENA, Eduardo Spiller. *Pagens da casa Imperial; juriconsultos, escravidão e a lei de 1871*. Campinas: Editora da UNICAMP, 2001.

<sup>7</sup> BOURDIEU, Pierre. *A economia das trocas lingüísticas; o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp, 1998.

<sup>8</sup> *O Dezenove de Dezembro*. Curitiba, 1/4/1854, appud MARTINS, Romário. Catálogo dos jornaes publicados no Paraná de 1854 a 1907. Curitiba: Imprensa Paranaense, 1908, p.9, sem grifo no original.

tácita e com variantes sutis entre seus adeptos – por todas as escolas de pensamento posteriores à Revolução Francesa.<sup>9</sup>

Em sua essência, a idéia de progresso estava ligada à noção de que a Europa, ou alguns países europeus (concebidos como “nações”), seriam os modelos acabados de progresso – em particular, técnico. A partir desse esquema modelar, era possível pensar que o progresso técnico conduziria ao progresso social, e as nações européias guiariam o mundo nesse processo.

De uma forma geral, o modelo orientado pela crença no progresso material como força avassaladora de redenção a se abater sobre a humanidade, a partir de um núcleo modelar europeu, embasou a obra de autores como John Stuart-Mill, Beatrice Webb e, principalmente, Auguste Comte. Esses pensadores, entre diversos outros, que tinham como pressuposto básico “trazer o conhecimento para fora das névoas do hegelianismo e do romantismo, e mantê-lo dentro dos limites observáveis”,<sup>10</sup> seriam as principais influências de uma visão de mundo fundada na noção de progresso. Em *O povo*, por exemplo, adotando as idéias de Herder, Michelet falava no advento de uma “grande sociedade formada por nações, contribuindo cada uma para a marcha da humanidade”.<sup>11</sup> Se o pensamento romântico (declaradamente oposto ao racionalismo iluminista) do qual Michelet é exemplo, apresentava essa concepção, o pensamento neo-iluminista (entendido como uma releitura otimista e industrializada do iluminismo) transformou a fé no progresso técnico em fé inabalável na ciência. Ao pensar uma realidade em “contínuo desenvolvimento”, e ao cultuar a ciência como a força motriz desse processo, pensadores europeus extrapolaram essa idéia para todas as áreas de atuação humana, incluindo a arte e a educação.<sup>12</sup>

Essa idéia fica ainda mais patente no pensamento evolucionista, no qual se confundem progresso e evolução como mudança para melhores estágios de vida biológica e/ou social. “Acreditava-se que a história evoluía em direção a um paraíso terreno, onde os homens seriam felizes e bem integrados, pelo menos na parte ocidental do Globo”. Integram esse campo pensadores tão distintos entre si como Renan e Marx, que partilhavam a crença em uma marcha inexorável em direção ao progresso. As divergências se davam quanto à inevitabilidade ou à probabilidade desse destino.<sup>13</sup> De fato, havia entre os pensadores europeus em geral – e seus seguidores mundo afora – a visão de que, uma vez atingidos os níveis de civilização e progres-

<sup>9</sup> BAUMER, *O pensamento europeu moderno; séculos XIX e XX* Lisboa: Edições 70, s./d., p. 13.

<sup>10</sup> BAUMER, ... p. 65.

<sup>11</sup> BAUMER, ... p. 50.

<sup>12</sup> BAUMER, ... p. 60; 62-72.

<sup>13</sup> BAUMER, ... p. 92.

so da Europa no período, não haveria a possibilidade de retrocessos à estágios anteriores, fossem eles pensados em termos de primitivismo ou de barbárie. O progresso técnico, acompanhado do progresso econômico, trariam, finalmente, o progresso social. Para que estes objetivos fossem alcançados era necessário difundir pelo mundo as idéias e modelos de pensamento europeus.

Contudo, a idéia de progresso ficou longe de ser apenas um conjunto de construções intelectuais, tendo ampla difusão social. Segundo Hobsbawm, a linearidade do progresso era evidente para os europeus do século XIX:

em termo materiais, em termos de conhecimento e de capacidade de transformar a natureza, parecia tão patente que a mudança significava avanço, que a história – de todo modo a história moderna – parecia sinônimo de progresso. O progresso era medido pela curva sempre ascendente de tudo o que pudesse ser medido, ou que os homens escolhessem medir. O aperfeiçoamento contínuo, mesmo das coisas que obviamente precisavam ser aperfeiçoadas, era garantido pela experiência histórica. Parecia difícil acreditar que, há pouco mais de três séculos, europeus inteligentes tivessem considerado a agricultura, as técnicas militares e até a medicina da Roma antiga como modelo para suas próprias [...] <sup>14</sup>

A noção de marcha inelutável em direção ao estágio civilizacional, (ou seja, o estágio atingido pela Europa naquele momento) encheu de otimismo as populações de outras partes do mundo – em especial aquelas de origem européia, nas colônias ou ex-colônias na América, África e Ásia – pois fornecia-lhes o arcabouço teórico para a superação de seu passado colonial, <sup>15</sup> igualando-os, em um futuro qualquer, às nações que os inspiravam. Ainda que, fora da Europa, o progresso pudesse ser considerado por alguns como “um perigo e um desafio estrangeiros”, principalmente a partir do ponto de vista religioso, que via nas forças do progresso a desagregação de valores fundamentais, minorias cidadinas e governantes “que se beneficiavam com os valores adventícios e irreligiosos” souberam adotar os princípios e a retórica do progresso. “O mundo estava, portanto, dividido numa parte menor, onde o ‘progresso’ nascera, e outra, muito maior, onde chegara como conquistador estrangeiro, ajudado por minoria de colaboradores locais”. <sup>16</sup>

<sup>14</sup> HOBBSAWM, Eric. *A era dos Impérios. 1875-1914*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988, p. 46-47.

<sup>15</sup> Para o caso brasileiro, a imagem do Brasil no exterior torna-se fundamental na definição de identidade nacional, ver SLSSEKIND, Flora. *O Brasil não é longe daqui; o narrador, a viagem*. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

<sup>16</sup> HOBBSAWM, p. 52

Essa fé só seria abertamente criticada pelo pensamento do final do século XIX, e pelo pensamento *fin-de-siècle* por pensadores como Benedetto Croce, Bergson, Nietzsche e Georges Sorel. Este último, em *As ilusões do progresso*, de 1908, denuncia o progresso tanto como dogma, quanto como ilusão burgueses, "contendo uma visão completamente errada do processo histórico".<sup>17</sup>

De fato, em termos teóricos, é a ascensão dos totalitarismos de direita que vão proporcionar as reflexões mais agudas de crítica à idéia do progresso. Walter Benjamin deixa bastante evidente, em suas "teses", que essa ideologia impediu uma noção socialmente compartilhada de perigo quanto à ascensão do nazismo na Alemanha.<sup>18</sup> Junto com as idéias de Benjamin, o conteúdo do pensamento da escola de Frankfurt pode ser considerado como desconstrutor da idéia do progresso redentor.<sup>19</sup> Benjamin vê no progresso a força desagregadora da sociedade à época da ascensão do nazismo:

Nosso ponto de partida é a idéia de que a obtusa fé no progresso desses políticos, sua confiança no "apoio das massas" e, finalmente, sua subordinação servil a um aparelho incontrolável são três aspectos da mesma realidade. Estas reflexões tentam mostrar como é alto o preço que nossos hábitos mentais têm que pagar quando nos associamos a uma concepção de história que recusa toda cumplicidade com aquela à qual continuam aderindo esses políticos.<sup>20</sup>

Os resultados da Segunda Guerra Mundial foram a provável pá de cal nesse conjunto de idéias relativas ao progresso.

No Brasil – como em várias outras ex-colônias européias – a visão de progresso se afirmou como processo necessário à emancipação com relação a um passado colonial (e, neste caso, escravista). As disputas em torno do ideal republicano, por ocasião da proclamação da República, por exemplo, ajudam a ilustrar isso. Nos embates em torno do modelo a ser adotado pela república neo-nata, o pensamento positivista, com seu destaque sobre o progresso como arma de condenação da monarquia e de separação entre Estado e Igreja, venceria outras tendências republicanas em alguns aspectos fundamentais da disseminação do ideal republicano. A propaganda positivista em nome da ditadura militar como única forma de garantir o progresso ilimitado encontrou eco na história local: "Progresso e ditadura, o progresso pela ditadura, pela ação do Estado, eis aí um ideal de des-

<sup>17</sup> BALMER, p. 129-164.

<sup>18</sup> BENJAMIN, Walter. Sobre o conceito de história. In *Obras Escolhidas I* São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 222-234.

<sup>19</sup> ASSOUN, Paul-Laurent. *A Escola de Frankfurt*. São Paulo: Ática, 1991.

<sup>20</sup> BENJAMIN, ... p. 227

potismo ilustrado que tinha longas raízes na tradição luso-brasileira desde os tempos pombalinos do século XVIII".<sup>21</sup>

Durante as reviravoltas políticas brasileiras do final do XIX, o imaginário do progresso permaneceu pautando ações, principalmente da embrionária camada "média" da população (funcionários e estudantes), para quem os modelos de sociedade da elite serviam como exemplo.<sup>22</sup> O progresso, neste caso, foi interpretado não somente como da nação ou da civilização, mas individual, na acepção do evolucionismo social, servindo para justificar a competição pela ascensão sócio-econômica.

Um exemplo disso é a criação de Institutos Históricos, Museus e faculdades de direito durante este período. Essas instituições, estudadas por Lilia Schwarcz, pautaram-se por uma visão evolucionista que:

[...] inspira a instauração e manutenção dos Institutos Históricos e Geográficos, os museus e as faculdades de direito do século XIX, em um país marcado pelo desejo pelo progresso e pelo debate em torno da idéia de raça. Através dessas instituições e dos debates que elas geraram, pensava-se que seria possível superar a barbárie e atingir a civilização.<sup>23</sup>

O progresso da nação também era entendido como sendo definido pela existência de traços civilizatórios. Nesse sentido, os debates em torno da existência ou não de uma literatura brasileira, levados a cabo por Sílvio Romero, Araripe Junior e José Veríssimo, entre outros, foram fundamentais para a definição desses traços. O estilo literário era considerado como extremamente importante, pois eram "considerados como *desprovidos de estilo* os indivíduos, textos ou sociedades marginais em relação a um modelo normativo de *cultura e civilização*".<sup>24</sup>

Araripe Junior e Sílvio Romero se basearam no mesmos modelos naturalista e evolucionista. Ambos aplicaram à literatura os princípios de Hippolyte Taine e de Herbert Spencer, acrescidos da ideologia nacionalista, em que a nação é concebida como o resultado da progressiva transformação das matrizes européias pela ação do meio ou mistura de raças.<sup>25</sup>

Assim a obra literária deveria ser pensada como construindo a idéia de nação civilizada, ao mesmo tempo que sua existência em um estilo particular revelava o grau de progresso atingido.

<sup>21</sup> CARVALHO, José Murilo. *A formação das almas; o imaginário da república no Brasil*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995, p. 27.

<sup>22</sup> OWENSBY, Brian P. *Intimate ironies; modernity and the making of middle-class lives in Brazil*. Standford: Standford University Press, 1999.

<sup>23</sup> SCHWARCZ, Lilia. *O espetáculo das raças; cientistas, instituições e questão racial no Brasil. 1870-1930*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993, p. 177.

<sup>24</sup> VENTURA, Roberto. *Estilo tropical; história cultural e polêmicas literárias no Brasil*. São Paulo : Companhia das Letras, 1991, p. 18. (grifado no original)

<sup>25</sup> VENTURA, ... p. 37.

## Leitura e progresso

Entrando no universo específico da leitura, podemos encontrar fortes ecos das construções que almejam o progresso como razão de ser das instituições dedicadas à educação e/ou à “civilização”, em seu movimento circular nada escamoteado (o progresso exige a existência dessas instituições e sua existência fomenta o progresso). Assim, bibliotecas, imprensa, livros e escolas aparecem como espaços de realização futura da utopia do progresso, ao mesmo tempo que são os instrumentos de construção do caminho civilizacional que se imaginava para a nação – sempre em conformidade com os modelos europeus vigentes.

Se acompanharmos brevemente a criação de algumas bibliotecas brasileiras, poderemos ver esse processo. As bibliotecas brasileiras, que no início do XIX têm ainda as características de instituições aristocráticas, destinadas à demonstração barroca de grandeza material,<sup>26</sup> em fins do século são pensadas como destinadas não somente à aristocracia, pois isso seria “contrário aos reclamos da civilização actual e antinômico [sic] com os intuitos geraes de nossa forma de existência social [...] e precisamente porque incumbe por effeito da lei dos tempos e da política serem [as bibliotecas] as distribuidoras do pão azymo do ensino”.<sup>27</sup> De forma semelhante, o grande mérito da biblioteca do Exército, em 1885, era que “significava um verdadeiro progresso, não só por estar franqueada á officialidade, como á simples soldados e até á paisanos”.<sup>28</sup> Nota-se que a difusão do conhecimento contido nas bibliotecas – que, por si próprias poderiam difundir os ideais de progresso que inspiraram a criação das mesmas – é instrumento de propagação (e aferição) do progresso.

Passando de signo de poder pessoal e grandeza aristocrática a instrumento de elevação de toda a sociedade à civilização, as bibliotecas passaram a ser vistas – e criadas – como símbolos do progresso ao mesmo tempo que funcionavam como instrumentos para a obtenção desse objetivo.

Circunscrevendo o campo da análise sobre o progresso a um espaço mais restrito (e um tempo mais dilatado, entendendo-o como continuidade – o estado do Paraná das últimas décadas do século XIX

<sup>26</sup> A Real Bibliotheca, criada em 1821, era a “alfaia preciosa da coroa de Portugal”, cuja existência podia honrar – e honrava – o Estado. ESTATUTOS DA REAL BIBLIOTHECA, mandados ordenar por Sua Magestade. Rio de Janeiro: Na Regia Typographia, 1821. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Acervo/index.htm>, consultado em 01/10/2001.

<sup>27</sup> CATALAGO DA BIBLIOTECA MUNICIPAL PUBLICAÇÃO OFFICIAL TYP. CENTRAL DE BROWN E EVARISTO. RUA NOVA DO OLVIDOR, 1878. <http://www.unicamp.br/iel/memoria/Acervo/index.htm>, consultado em 01/10/2001.

<sup>28</sup> CATÁLOGO DA BIBLIOTECA DO EXÉRCITO PRECEDIDO DE SEU REGULAMENTO E LEIS... 1885. Apud. *Projeto memória da leitura*. [www.unicamp.br/iel/memoria/Acervo/bibexercicio1885.htm](http://www.unicamp.br/iel/memoria/Acervo/bibexercicio1885.htm), consultado em 01/10/2001.

e das primeiras décadas do XX - podemos tentar verificar os ecos da ideologia do progresso em uma ramificação periférica - ainda que imbuída do mesmo conjunto geral de valores. Como nas bibliotecas acima mencionadas, aquelas do Paraná também funcionariam como "agentes" do progresso. Como modelo, a imagem da biblioteca como "fonte de luz" é sintomática:

[...] há Estados onde os livros, esses bons, leaes e instructivos amigos do homem, merecem alguma attenção e, destinados a ensinar as massas, são localizados em amplas e magnificas estantes distribuidas por aposentos arejados e cuidadas por pessoal apto, constituindo isso a que um povo honrosamente denomina de Bibliotheca Publica.<sup>29</sup>

Também nesse caso particular, podemos ver o "pathos" civilizador em jogo - ainda que expresso mais como desejo que como descrição da realidade. De fato, existindo desde meados do XIX, a Biblioteca Pública do Paraná incitava mais críticas que elogios, e teve uma importância relativa como símbolo civilizador até meados do século XX.<sup>30</sup>

Com relação à imprensa, notamos que a atribuição de valores civilizacionais ao mundo da leitura passava - necessariamente - pela instituição da imprensa (em particular, a imprensa periódica e jornalística), pois ela era "interprete legitima do sentimento humano e cooperadora inevitável em todas as grandes obras da actualidade [pela qual] se diffundem os altos ensinamentos, os nobres ideais se universalizam e se fazem conhecidas as instituições".<sup>31</sup>

Pensada como tal, ela é também era "a santa, immensa locomotiva do progresso... que leva a humanidade para a terra de canaan, a terra futura, onde não teremos em torno de nos senão irmãos e por cima o céu."<sup>32</sup> As comparações com as conquistas do progresso técnico, feitas por analogias industriais, davam o tom do desejo por essas mesmas instituições. "Disse-se que os caminhos de ferro e o vapor suppririam as distâncias, pois pode-se dizer que a imprensa suprimiu o tempo".<sup>33</sup> As características evolucionistas e edênicas do progresso eram enfatizadas nesses textos, reiterando a necessidade da criação e manutenção de instituições consideradas como agentes de progresso. É nesse esforço que podemos incluir os objetivos de diversos jornais que se pretendiam agentes do progresso. Por exemplo, *A Imprensa Livre*, que se proclamava "órgão sincero das idéias defendidas pelo partido do progresso", em 1867, propugnava por:

<sup>29</sup> Bibliotheca Publica. *O Paraná* IV(47). Curitiba, 24/abr./1911, p. 1.

<sup>30</sup> DENIPOTI, Cláudio. *Páginas de prazer; a sexualidade através da leitura no início do século*. Campinas: Editora da Unicamp, 1999, p. 23-50.

<sup>31</sup> No A'Dito. *União e trabalho* I (1), Curitiba, jul/1919, p. 1.

Louvar os esforços do poder que encaminha a situação para a justiça e o progresso, estigmatizando-o, sem o menor receio, quando apartado desse caminho para seguir cegamente os impulsos das paixões partidárias.<sup>34</sup>

Em 1873, a *Iris Paranaense* fazia eco a essas idéias, afirmando que era preciso “marchar, caminhar sempre para novos horizontes” em um esforço conjunto em que cada indivíduo deveria “carregar sempre sua pedra para o edifício do futuro” construído através da imprensa e da educação.<sup>35</sup> A ligação entre as instituições de progresso – escolas, biblioteca e jornais – era pensada como causa e consequência do progresso, e era naturalizada a partir dessas mesmas instituições:

Um dos característicos mais relevantes do povo no século XIX é o amor da instrução.

Em todas as camadas sociaes se pronuncia, mais ou menos ardentemente, o gosto da leitura.

É a imprensa, ao jornal especialmente, o clangoroso e incessante porta-voz da civilização, que se deve essa boa tendência da educação popular.

Penetrando com passo igual a choupana do pobre e o palacio do rico (para nos servirmos da conhecida phrase de Horacio) sae o jornal, entre o annuncio mercantil e o telegramma politico, introduzindo no espirito do leitor já uma observação scientifica, já uma só idéa litteraria; hoje um pensamento philosophico, amanhã um bom sentimento religioso, ora um rasgo de história, ora uma experiencia pratica nas artes e officios; noções emfim, respigadas em toda a vasta e fecunda messe dos conhecimentos humanos.<sup>36</sup>

Outro rito de instituição que pode ampliar a percepção do valor atribuído à idéia de progresso é a definição de identidades culturais promovida pela filiação a uma concepção canônica de literatura (e, portanto, de leitura). A delimitação de padrões literários – geralmente criados em detrimento de outros padrões considerados antigos ou superados – que são adotados por uma ampla parcela da população (neste caso, uma ampla parcela da elite intelectual) também é entendida como sinal exterior e força motriz do progresso.

Esta perspectiva foi acentuada em uma época em que houve a consciência, por parte da elite cultural paranaense, de que o estado do Paraná destacava-se por suas qualidades intelectuais. Face ao impulso literário do simbolismo, com seus expoentes Emilio de Menezes e Emiliano Pernetta, e ao dinamismo econômico gerado pela pro-

<sup>32</sup> “Victor Hugo”. A imprensa. *O Sapo* II(11). Curitiba, 12/mar./1899.

<sup>33</sup> “Lamartine”. A imprensa. *O Sapo* II(21). Curitiba, 21/maio/1899.

<sup>34</sup> *A Imprensa Livre* I. Curitiba, 6/jun./1867. apud MARTINS, Romário. Catálogo... p. 15.

dução e comércio de erva mate,<sup>37</sup> considerava-se que “effectivamente, o Paraná há de vencer pela idéia. Que o diga essa geração estudiosa que surge”.<sup>38</sup> Tinha-se a imagem de um estágio avançado de desenvolvimento artístico/intelectual, que acompanhava “[...] de muito próximo, o rumo que vae se seguindo, entre fúlgidos clarões, o pensamento moderno”.<sup>39</sup> Embora esta fosse, freqüentemente, uma autoimagem, ela recebia corroborações externas como a do jornal *O Commercio*, de Bagé, reproduzida pela imprensa curitibana:

Enquanto nos outros estados apenas contadas pessoas conhecem as novas fórmulas artísticas recém inventadas na Europa, já no Paraná praticam-se, num afan de progresso, que muito diz em prol dos intellectuais daquela terra.<sup>40</sup>

Deriva-se daí a associação entre processos de leitura e a visão de progresso. No universo pesquisado, emergem diversas associações. O progresso, ou a modernidade literária, que resultam na produção de textos, é apenas o ponto inicial do percurso da leitura. Assim como os livros escritos no Paraná indicam, pela quantidade<sup>41</sup> e/ou qualidade, um avançado estágio de civilização – freqüentemente mais desejado do que concreto – o universo da leitura pode ser visto integralmente como composto por forças de civilização e progresso. Nesse sentido, ao advogar a criação de clubes de leitura como solução definitiva para os problemas sociais, o autor anônimo da *A Galeria Illustrada* previa, em 1889, a ação redentora dessas forças:

Instalem-se associações litterarias e recreativas, proprias para deleitar e instruir os homens, e vereis transformados em prestigiosos cidadãos aqueles que so viviam para o mal.<sup>42</sup>

A forma mais segura de acesso ao progresso era a aquisição de conhecimentos civilizatórios pela leitura. A educação formal, (entendida, no passado, como instrução) e a educação como parte do processo civilizatório eram pensadas de forma complementar:

<sup>35</sup> *Iris Paranense I* Curitiba, 19/out./1873, appud MARTINS, Romário. Catálogo..., p. 16.

<sup>36</sup> *Revista do Paraná I* Curitiba, 15/jan./1881. appud MARTINS, Romário. Catálogo..., p. 18.

<sup>37</sup> PEREIRA, Magnus Roberto de Mello. *Semeando Iras rumo ao progresso*; ordenamento jurídico e econômico da Sociedade Paranaense. Curitiba: Editora da UFPR, 1996.

<sup>38</sup> O Paraná industrial e commercial. *A Tribuna I* (49), Curitiba, 04/dez./1913, p. 4.

<sup>39</sup> Mark-Allan. Livros que apparecem- “episódios”, de Santa Ritta Junior. *Atheneia I* (3). Curitiba, set./1914. P. 21-22.

<sup>40</sup> MARTINS, Romário. Bibliografia, *Almanach do Paraná para 1904*. Curitiba: Livraria Economica, 1904, p. 268-270.

<sup>41</sup> Em termos quantitativos, há uma curva ascendente na edição de livros no Estado que supera o crescimento demográfico ou os índices de alfabetização. Para os 190 livros publicados na década de 1890, são publicados 945 na década de 1920. MOREIRA, Julio. *Dicionário Bibliográfico do Paraná*. Curitiba: Imprensa Oficial, 1957.

<sup>42</sup> Avanté. A opinião. *A galeria Illustrada* (9). Curitiba, 30/mar./1889, p. 74.

A instrução resolve um dos mais espinhosos problemas sociais; nada faria porem, sem o concurso directo e accentuado da educação. Uma prepara o terreno em que a outra lança as sementes. A instrução é a base do progresso, a educação é a essência.<sup>43</sup>

Se pensarmos, na alfabetização como outro processo civilizacional (e como rito de instituição, no conceito de Bourdieu), a própria civilização depende dos procedimentos relacionados à leitura e seu aprendizado. Assim, não saber ler significava não poder ver “palpitar o espirito do genio [...] atravez dos caracteres da escripta [...] [gozar] dos prazeres da intelligencia e [...] as horas são lentas pesadas e monotonas, [...] os monumentos do recreio licito e de consolação benefica não existem; aqui temos nós a origem do vicio.”<sup>44</sup> Leitura associa-se a civildade e civilização, e a alfabetização é compreendida como “diffusão dos vinte e cinco utilissimos caracteres, com alguns tragos de moralidade e civismo”.<sup>45</sup> É neste sentido que os educadores paranaenses do início do século XX reproduziam as idéias de progresso gestadas na Europa. Pensava-se que:

É a escola primária uma instituição supemamente civilizadora. Officina do espirito infantil, é nesse recinto benedito que a intelligencia dos pequeninos seres, ainda não desabrochada para os conhecimentos, se vae desenvolvuindo e inundando da luz cambiante e redemptora da instrução.<sup>46</sup>

Esta visão da educação é renitente no período, e a escola, principalmente primária, era definida também como destinada a moldar o novo homem, (após 1889, esse homem de tipo novo era republicano, anti-clerical e devotado ao progresso) que demandava “pelo direito do voto, a ingerência de todos os patrícios no governo da nação” e que deveria “apprender a mesma língua, os mesmos sentimentos e os mesmos ideaes”.<sup>47</sup> A escola seria, de acordo com esta visão, “a base senão primordial, pelo menos fonte secundária onde o povo vai haurir a longos sorvos as luzes que aclamam os espíritos de seus filhos”.<sup>48</sup>

Considerando-se que o ensino era essencialmente aquele de procedimentos de leitura,<sup>49</sup> o ideal transparecia associando a leitura à redenção do progresso. Assim, “o ensino da leitura não só desenvolve a

<sup>43</sup> A educação. *União e trabalho* II(23). Curitiba. Maio/1921, p. 177-8.

<sup>44</sup> DIAS, Pe. Guilherme. O livro. *O Sapo* II(13). Curitiba, 21/mar./1899, p. 4.

<sup>45</sup> MOURA BRASIL, Deusedit. A criminalidade e o analfabetismo. *Revista Acadêmica* 1(8), Novembro de 1917, s./p.

<sup>46</sup> SOUZA, Lourenço de. A missão da escola. *A Escola* I(1). Curitiba, fev./1906, p.2-5.

<sup>47</sup> Discurso official da sessão solene inaugural de 19 de dezembro de 1912, pronunciado pelo Dr. Manoel de Cerqueira Daltro Filho. *Relatório Geral da Universidade do Paraná*. Curitiba. Typographia Alfredo Hoffman, 1913, p. 75-82.

<sup>48</sup> PARANÁ, Elvira Maria. A escola. *A Escola* I(1). Curitiba, fev./1906, p. 9.

<sup>49</sup> Ver, sobre este assunto: DENIPOTI, Cláudio. A magna causa da educação. *História* 17-18. São Paulo, 1998/1999, p. 71-96.

palavra falada, como a inteligência, a moral e a sensibilidade”, desde que feito com método e critério.<sup>50</sup> Temos, portanto, que o objetivo formal da educação (neste caso, do treinamento formal e cultural no deciframento de códigos a que chamamos de leitura), era o de aprimorar a sociedade, conduzindo-a progressivamente aos padrões de civilização estabelecidos, na época, pelo desenvolvimento sócio-econômico da Europa. As luzes, os ideais, a moral, são dados *a priori* pelos autores, pois havia uma atitude consensual em torno desses temas – eles demonstravam e conduziam para o progresso.

## Conclusões

Os locais e os meios de leitura são, no século XIX, o *locus* privilegiado para a difusão das idéias relativas ao progresso. Pela leitura, o próprio progresso se alimentava, criando a associação entre analfabetismo e “retardo” social, fundamental na definição do *outro* da civilização.

Ao “naturalizar” matrizes civilizatórias escolhidas de modo arbitrário, livro, imprensa, biblioteca, escola e, unindo todos, leitura passam a ser compreendidas em uma dinâmica dupla de símbolo do progresso/meio para obtenção do progresso. Com essa matriz duplicada, satisfazia-se o desejo civilizador da sociedade pela instauração daqueles mesmo locais e meios de leitura, ainda que sua continuidade, julgada necessária, não fosse observada de forma rigorosa.

<sup>50</sup> FALCE, Joanna. Lição 2ª Leitura e escrita (resumo da sabbatina). *A Escola* 1 (7), Curitiba, ago./1906, p. 126-9.